





MÍNIMO

MÚLTIPLO

COMUM

RAQUEL MATSUSHITA



Rio de Janeiro, 2023

CAFÉ AMARGO

Cheguei cedo à consulta com a dermatologista. Na sala de espera, a secretária me recebeu com simpatia e café. Contou como costuma fazer a bebida em casa, um pouco mais de água do que o recomendado, para não dar azia. Sempre que toma café muito forte, passa o dia com uma queimação danada. Açúcar, me ofereceu. Tomo puro, agradei. Mas ela toma com bastante açúcar porque a vida já é tão amarga... A piscina da hidro, lá no Sesc, não é muito quente. Uma dureza pra entrar, imagina no inverno! Sim, imagino. No caminho para o vestiário, uma corrente fria espalha resfriado pra todo mundo. Terminei o café. Ainda falta um tanto para a minha

consulta. Tento checar os e-mails, mas uma das alunas da hidrogenástica nem se importa de ir resfriada na aula e passar doença pra todas. Quando ela vem com aquele nariz escorrendo, já nem quero papo. Revoltante. Que desagradável. Li uma notícia no jornal que diz que quem toma café amargo é mais solitário e, por isso, tem mais chance de se tornar psicopata. Respirei fundo. Não que esse seja o seu caso, claro, tenho certeza que não. Puxei forte o ar e senti uma tontura. Por isso que você é tão magrinha, não põe açúcar no café. No meu são duas ou três colheres e, aí, minhas gordurinhas. Comecei a respirar por ela. Depois das cinco não tomo mais café, senão não durmo. Respiração dupla e curta. Meu marido ronca que é uma tristeza. Imagina, eu com sono leve e ainda tomar café de noite? Lembrei das aulas de ioga. Antes do infarto, ele cozinhava lá em casa, uma beleza. Passei a inspirar o ar até a barriga e a coordenar a saída pelos suspiros involuntários. Almoço quase todos os dias no Pão de Açúcar. Deu solução. A comida é boazinha e não é tão cara.

Chegou a hora da consulta. O mercado, sim, é muito caro. Cruzava e descruzava as pernas para acordar os pés dormentes e tapear o faniquito do corpo. Com cem reais hoje você não compra nada, volta de mãos vazias. Um absurdo. Sinto um alívio só de pensar que a qualquer momento aquela porta irá se abrir. Agora sou eu quem cozinha em casa, mesmo quando chego cansada do trabalho. Minha comida não é tão boa como a do meu marido. Ela não costuma atrasar, vai abrir no um, dois, três. Depois do infarto, ele não quis mais saber de ir pra cozinha, só reclama e palpita do tanto que eu pus de sal, do cozimento da carne, do café aguado, a falta de ar volta a atacar, uma tristeza não poder mais fazer o que fazia antes, o formigamento dos pés avança para o corpo, o pior é quando você entende do assunto e não aceita o que o outro faz, a porra da porta não abre, quer mais um café?, o batimento cardíaco ficou aceleradíssimo, adoro esse programa de receitas, sinto aqui no peito, não sou fiel à receita, não, mudo os ingredientes, o ar já não consegue entrar nem sair, ouço

o barulho da maçaneta se abrindo, faço do meu jeito, deixei a bombinha em casa, tem hora que não dá certo, mesmo assim, prefiro arriscar, não tenho mais força para nada, o tempo está tão feio hoje, vai chover, meu corpo amoleceu, caí no chão, que estranho, será que o café amargo te fez mal?

AMOSTRA

MELHOR AMIGO

O meu melhor amigo guardo em segredo. Ele não é da escola. Mora no mesmo prédio que eu, no sexto. Quando alcancei o botão de emergência, que fica mais alto do que todos os andares, mamãe me deixou usar o elevador sem um adulto por perto. Agora, ele já não precisava mais me esperar no corredor toda quinta de tarde, dia em que minha mãe faz pilates.

Quando conheci meu melhor amigo, brincava sozinha lá no parquinho do prédio. Me mostra o que sabe fazer nesse trepa-trepa, ele falou. Ficou bobo e até aplaudiu quando fiquei de cabeça para baixo! Depois de um tempo, ele me convidou para tomar chá da tarde com bolo e

tudo na casa dele. Eu não quis porque não gosto de chá. Então ele trocou por suco de uva. Uma delícia. Perguntou o que não podia comer na minha casa. O leite condensado, mamãe não compra, diz que não serve pra nada, só pra engordar.

Na segunda vez que me chamou, tinha bolo formigueiro, suco de uva e leite condensado. Falou para não contar nada para minha mãe, senão ela ia ficar uma fera por causa do doce proibido. A casa dele era a melhor do mundo. Morava sozinho e não precisava pedir nada pra ninguém. Inventamos uma brincadeira muito legal chamada "siga o mestre". Ele fez um pequeno furo na lata do leite condensado para o fio fazer o caminho.

Meu amigo é muito inteligente, pensa em tudo, até no que ainda nem aconteceu. Para não sujar nossas roupas, falou para tirarmos. Era melhor mesmo, não queria levar bronca da mamãe. Um banho e pronto. Nosso segredo estava salvo.

O fio caía na boca, escorria pelo pescoço até a barriga. Ele seguia o traçado do leite com o dedo e ia chupando. Para não desperdiçar o doce,

teve a ideia de fazer com a língua. Ficou muito mais engraçado, dava cosquinha e era gostoso.

Um dia, ele errou e fez um buraco grande demais na lata. A linha de leite saiu grossa e pesada. Desceu rápido da barriga para a coxa. Fiquei meio nervosa, com medo de ele ficar bravo porque o fio passou por onde faço xixi. Mas o tio é tão legal, nem deu bola. Demos muita risada.

Coitado, sempre ganho nessa brincadeira porque lambo muito mais doce do que ele. O corpo dele é bem maior que o meu. Mas o tio não se importa, afinal, somos melhores amigos.

CONTO DE FADAS

Bel tinha os olhos fixos nos cachos louros da mulher da frente. Coração disparado. Trancou forte o maxilar para que as batidas não denunciassem o que se passava por dentro. Um pedacinho duro espetou o céu da boca. Empurrou o treco para a pontinha da língua e fez pinça para pegar a lasca de dente. Com a ponta dos dedos rodava o caco. Buscou com a língua uma quebra, um novo buraco na boca. Roçou no dente áspero e cutucou insistente.

A mente ocupada em sincronizar o movimento da língua com o dos dedos. Roça, roda, roça, roda. Os olhos fixos na cabeleira da mulher. Dos fios emaranhados escorregou para as

costas e dali para a menina de mãos dadas com ela. Os cabelos eram idênticos, como eram também os de Bel e de sua mãe. Pensar nelas como mãe e filha fez parar os dedos da moça. Os ombros relaxaram.

A menina contava uma fábula que fazia a mulher rir. Bel sorriu ao lembrar dos contos de fadas que costumava inventar quando criança. Bastava a risada da mãe. A mulher tirou os sapatos para atravessar o raio X. A menina fez igual. Bel recommençou a rodar os dedos energeticamente. A mãe pediu à filha que deixasse o final da história para depois que passassem pela aduana. Para se acalmar, Bel se lembrou das palavras de Chico. É um esquema infalível. Vai dar certo! São tantas que vão e voltam e, em três meses, enriquecem. Só assim conseguiram sair dessa vida.

Sair dessa vida. Esse era o maior sonho de Bel, desde menina. Esquecer a luz vermelha dos abajures da Dona Elvira. Maldita luz. Era para disfarçar se vazasse sangue, dizia. Quando Chico entrou na salinha, mediu uma por uma e escolheu Bel. Ao irem para o quarto, ele apagou o

abajur e abriu a cortina para entrar a luz amarelada que vinha da rua.

Ao olhar o desconhecido, que trocou a luz vermelha pela amarela, a jovem deixou escapar um sorriso bem diferente daquele a que estava acostumada. Foi a escolhida, veio no pensamento.

Fui a escolhida. Vai dar certo!, repetia o mantra, enquanto perseguia os cachos louros da menina. Bel enfiou o dedão entre o tênis e o calcanhar para descalçar. A outra mão ocupada com a lasca do dente. Fez o mesmo com o outro pé. Quando levantou o tronco para largar os sapatos na bandeja, sentiu tontura. Depois ânsia. Engoliu o vômito tentando disfarçar a careta. Apertou os olhos com força. Abriu. Mãe e filha haviam atravessado o portal. Era a vez de Bel.

As pernas bambearam, os olhos arregalaram. Sua mala na esteira rolante, passando pelo raio X. A imagem de Chico apagando o abajur. A luz amarela vindo de fora, invadindo o quarto. Fui a escolhida. A luz vermelha acendeu. A lasca do dente caiu no chão. Na boca, o gosto de sangue da língua cortada pelo dente lascado.

TEORIA DA RELATIVIDADE

Abri a torneira e deixei a água fria cair por alguns minutos na mão. Úmida, deitei na cama. Encostei de leve a mão gelada na parte mais quente do corpo em busca do maior contraste possível. O frio mais frio. O quente mais quente. Comecei a massagear de leve. Esquentando o frio e esfriando o calor. Até que as duas partes se equilibraram.

Nesse conforto, enfiei dois dedos de uma vez. Entraram gelando, deflorando o calor de dentro. Novo contraste. O frio mais frio. O quente mais quente. Recomecei a massagem. Esquentando o frio e esfriando o calor. Até que as duas partes se equilibraram. Então, gozei a saudade que sinto de você.

VOO DO BESOURO

Ela foi até o *deck* em frente à casa, arrastou a cadeira para a faixa de sol, igual a um bichinho atraído pela lamparina. Sentada, com os pés apoiados no banco, nem percebeu que, por pouco, não esmagara um besouro.

Abriu o livro à procura de uma pausa nos pensamentos. Só então reparou no cascudo negro pousado rente aos seus pés descalços. Por instinto, afastou-os do inseto e abafou o grito.

Ele parecia tão inofensivo que ela retornou os pés à posição confortável e se sentiu, apesar de tudo, acompanhada. O sol batia e fazia brilhar o casco do besouro. Viu que havia naquele negro uma gama furta-cor e uma textura que